

A HIPERTEXTUALIDADE NO DICIONÁRIO LONGMAN E A POSIÇÃO DO LEITOR NO PERCURSO DE LEITURA

Thiago Soares de Oliveira (UNEF)
so.thiago@hotmail.com

RESUMO

Este artigo propõe uma discussão teórico-analítica acerca das implicações de como a hipertextualidade, comumente atribuída ao texto digital, altera o modo de leitura de um texto, elevando o leitor à condição de semidecisor do percurso que deseja assumir com base nos traços hipertextuais que emergem no suporte papel. Para isso, o dicionário escolar Longman foi escolhido como objeto de análise qualificado, não só devido ao suporte em que as informações são registradas, mas também pelas marcas rizomáticas que se apresentam ao longo de tal compêndio lexical. A partir do entendimento da noção de texto, este artigo propõe, em outras palavras, uma discussão que transita entre as fronteiras da linguagem a fim de refletir sobre os limites do suporte papel e da relação deste com o leitor ao ponto de propiciar uma suposta autonomia diante dos percursos de leitura que se lhe revelam. Por isso, os diversos pontos de vista de autores que estudam a hipertextualidade, tais como Levy (1996 e 1999), Babo (2004), Clément (2004), Deleuze e Guatarri (2004), entre outros, não são relacionados hermeticamente, mas de forma aberta aos vários matizes reflexivos possíveis a respeito do tema, tendo em vista que o dicionário escolar Longman, ao revés do que normalmente ocorre com outros compêndios lexicais, mostra-se em evidente receptividade, senão intencionalidade, aos aspectos hipertextuais. Assim, conquanto este trabalho entenda o leitor como semidecisor do percurso de leitura que deseja assumir, não se intenciona o esgotamento das possibilidades ilativas que podem se esculpir durante a leitura deste artigo, visto que os estudos sobre a linguagem são assaz amplos para comportar perspectivas reflexivas distintas.

Palavras-chave: hipertextualidade; modos de leitura; leitor.

1. Introdução

Durante muito tempo, a oralidade foi o principal meio de transmissão do conhecimento cultural. A partir da invenção da escrita como uma forma de representar e expressar o conhecimento, surgiram novos modos de registro e acesso às informações, adaptáveis à realidade e ao suporte: o texto e o hipertexto.

O texto, entendido em seu sentido mais geral como “discurso elaborado ou propósito deliberado” (LEVY, 1996, p. 37), na verdade “é um objeto virtual, abstrato, independente de suporte específico” (*Id.*, p. 35), o que, de per se, já o legitima a existir tanto no suporte papel quanto em uma mídia digital. Nesse sentido, independentemente de onde é registra-

do, o texto “aparece como uma leitura particular de um hipertexto” (LEVY, 1999, p. 57), atuando este como “uma nova concepção de escrita” (BABO, 2004, p. 107) que acaba por encontrar inevitavelmente as teorias do texto.

Dessa forma, não estando limitados aos textos digitais, os hipertextos ocorrem também nos textos registrados no suporte papel. A forma como são tecidas as propriedades que permitirão dar uma nova roupagem aos modos de leitura só se realizam de fato quando o leitor ativa os novos percursos de leitura que estão à sua disposição. Sobre esse aspecto recai o caráter reflexivo deste trabalho, em articulação com ponderações a respeito dos modos de leitura e escrita e das características hipertextuais, que supostamente oportunizam a autonomia do leitor diante dos caminhos de leitura que lhe são apresentados.

Como objeto de análise, foi escolhido o dicionário escolar *Longman* (inglês-português / português-inglês), desenvolvido para estudantes brasileiros, já que nele é possível notar marcas hipertextuais estruturadoras de percursos de leitura e facilitadoras da pesquisa, possivelmente porque o compêndio destina-se ao estudo do léxico de língua estrangeira. De qualquer forma, é importante averiguar como o hipertexto utilizado no suporte papel, analogamente ao que ocorre no digital, propicia ao leitor certa autonomia na aquisição do conhecimento, justificativa simplória, mas que merece atenção, já que, quando empregado em favor da autonomia do leitor, o hipertexto dissemina pontos de vista por vezes contraditórios em relação a essa autonomia.

Assim sendo, sem o intento de exaurir o assunto e as vias de análise do dicionário, o que se propõe é uma reflexão sucinta e aberta acerca de como o leitor, diante de traços hipertextuais contidos no suporte papel em que são registradas as informações lexicais, eleva-se a semidecisor da estratégia de leitura que deseja adotar. Para tanto, serão articulados estudos da hipertextualidade, tais como: Levy (1996 e 1999), Babo (2004), Clément (2004), Deleuze e Guatarri (2004), entre outros.

2. Breves considerações sobre hipertextualidade

A noção primeira de hipertexto é conferida tanto a Vannevar Bush quanto a Theodore Nelson, mas de maneira distinta. Conforme Ribeiro (2006), ao segundo pertence a paternidade do termo cuja descrição foi elaborada pelo primeiro, ou seja, enquanto Nelson idealizou uma maneira

de ler e escrever baseada em “uma espécie de mapa com percursos variados conectados por pontos acessáveis” (RIBEIRO, 2006, p. 3), Bush preocupou-se com a concepção do termo hipertexto, “ainda não com esse nome e com todas as propriedades atribuídas a ele, mas já algo com a característica de fazer ligações entre informações por meio de nós, ‘encruzilhadas’ virtuais e informacionais” (*Id.*, p. 3).

Com efeito, o hipertexto tornou-se uma prática de escrita com “uma textualidade mais alargada” (BABO, 2004, p. 107), já que, diferentemente do livro²⁵ impresso, parece não ter limites claros, bem delineados. Por isso,

As características que lhe vêm sendo consensualmente assinaladas são o abandono da fixidez pela maleabilidade ou mutabilidade constante, o abandono da linearidade pela natureza reticular, assim como a abertura às remissões inter e intratextuais, o que provoca o descentramento quer da linearidade quer do próprio núcleo textual [...] (*Id.*, p. 108).

A quebra da linearidade talvez seja um dos principais aspectos que caracterizam o hipertexto e que, quando aplicada aos textos no suporte²⁶ papel, pode conferir a estes novos modos de serem lidos e escritos, corroborando que o “hipertexto, de fato, pode encontrar-se em diversos dispositivos de leitura e escrita” (CLÉMENT, 2004, p. 32). Nesse sentido, Levy (1999) explica que a descrição do hipertexto em oposição ao texto linear é a abordagem mais simples que se lhe pode dar, mas também que “o hipertexto é constituído por nós [...] e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, ‘botões’, indicando a passagem de um nó a outro” (*Id.*, p. 56).

Ora, se a existência tanto de “nós” (termo utilizado de Levy (1999)) quanto de links²⁷ que permitem o acesso entre eles caracteriza um hipertexto, esta noção é aplicável ao suporte papel, desde que seja possível a criação de “um espaço de percurso para leituras possíveis” (LEVY, 1999, p. 57).

²⁵ Não se pretende discorrer neste trabalho sobre as concepções de livro nem sobre a noção de autoria, senão o mínimo necessário à articulação da proposta. Para aprofundamento da temática, ver Foucault (2011) e Zilberman (2001).

²⁶ Segundo Marcuschi (2003, p. 25), “o suporte tem a ver centralmente com a idéia de um portador do texto, mas não no sentido de transporte ou veículo, nem como um suporte estático e sim como um *locus* no qual o texto se fixa e que tem repercussão sobre o gênero que suporta”.

²⁷ Clément (2004, p. 31) relaciona o termo *link* à noção de “percursos de leitura motivados”.

Diferentemente do que ocorre com o hipertexto no meio digital, contudo, as ligações entre as informações no suporte papel, por meio de notas ou fragmentos, por exemplo, não são acessíveis “com um simples clique do *mouse* em tal ou tal parte do texto de partida” (CLÉMENT, 2004, p. 31-32), uma vez que o papel não dispõe de interatividade análoga à do meio digital. Isso não significa, todavia, a desvalorização das possibilidades hipertextuais que incidem sobre o suporte mais rígido, já que a menor maleabilidade na disposição dos processos interativos não desvaloriza ou desmerece o suporte papel, ao contrário, “abre caminho para novas possibilidades” (CLÉMENT, 2004, p. 32).

Além disso, o abandono da fixidez, típico de um texto estruturado em rede, isto é, digital, também pode ser alcançado pelos textos registrados em suporte papel, contanto que se atinja a concepção de que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 13). Essa metáfora dos autores explica que o sentido não é fixo, único e imóvel, ficando ao propósito daquele que escreve. Por isso, a escrita pode ser comparada a um mapa, visto que este

É aberto, é conectável em todas as dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente. Ele pode ser rasgado, revertido, adaptar-se a qualquer natureza, ser preparado por um indivíduo, um grupo, uma formação social. Pode-se desenhá-lo na parede, concebê-lo como uma obra de arte, construí-lo como uma ação política ou como uma meditação (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 22).

Então, sendo o hipertexto um rizoma²⁸ que “nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p.15), permitindo leituras cujos processos podem ser ativados pelo leitor, é importante notar que um suporte diferente acaba por requisitar um leitor também diferente, suficientemente hábil para produzir qualidades novas e transformar ideias, ou simplesmente atualizá-las.

De acordo com Levy (1996, p. 16), a atualização aparece “como a solução de um problema, uma solução que não estava contida previamente no enunciado”, como uma forma de desatar os “nós” que surgem du-

²⁸ Rizoma é o termo que Deleuze e Guattari (2004) utilizam para designar o hipertexto. Os autores também se valem de outros termos da Botânica ao discorrer sobre a hipertextualidade em *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*.

rante o processo de leitura. Opondo esse conceito ao de virtualização²⁹, o autor explica que esta é o “movimento inverso da atualização” (*Id.*, p. 17), um complexo problemático que precisa ser solucionado (atualizado).

Ao deparar com um “nó” que necessita de uma solução criativa, o leitor precisa desatá-lo para dar continuidade ao processo de leitura e de construção do sentido. Sobre isso, Zilberman (2001, p. 97) explica que Stanley Fish entende o sentido “como aquilo que o leitor elabora enquanto está lendo”. Assim, diante de um “nó” incidental, o leitor precisa desvincular-se de suas certezas prévias e pode “tomar caminhos transversais, produzir dobras interditas, estabelecer redes secretas, clandestinas, fazer emergir outras geografias semânticas” (LEVY, 1996, p. 36), utilizando as possibilidades hipertextuais possíveis a fim solucionar criativamente o problema que se apresenta.

Quando registrado em suporte papel, ainda que possíveis os recursos hipertextuais, o texto conserva-se territorializado, com fronteiras delimitadas, nítidas e definíveis, contrariamente ao que ocorre no ciberespaço, onde desponta a desterritorialização do texto. Lá,

Como qualquer ponto é diretamente acessável a partir de qualquer outro, será cada vez maior a tendência a substituir cópias de documentos por ligações hipertextuais: no limite, basta que o texto exista fisicamente uma única vez na memória de um computador conectado à rede para que ele faça parte, graças a um conjunto de vínculos, de milhares ou mesmo de milhões de percursos ou de estruturas semânticas diferentes (LEVY, 1996, p. 48).

Assim, a hipertextualidade³⁰ que se manifesta no suporte papel, como é o caso do dicionário *Longman*, objeto de sucinta análise no próximo tópico, ao que parece é limitada e territorializada se comparada às ocorrências no ciberespaço, o que, no entanto, não diminui a importância dos recursos interativos que podem ocorrer naquele suporte, já que o fim a que se propõe a leitura hipertextual somente é atingido se o leitor decidir acionar tal recurso. Mas seria o leitor o indivíduo que decide seus próprios caminhos de leitura hipertextual? Sobre tal indagação, pretende-

²⁹ Levy (1999, p. 47) explica que “a palavra ‘virtual’ pode ser entendida em ao menos três sentidos: o primeiro, técnico, ligado à informática, um segundo corrente e um terceiro filosófico”, sendo que, “na acepção filosófica, é virtual *aquilo que existe apenas em potência e não em ato*”.

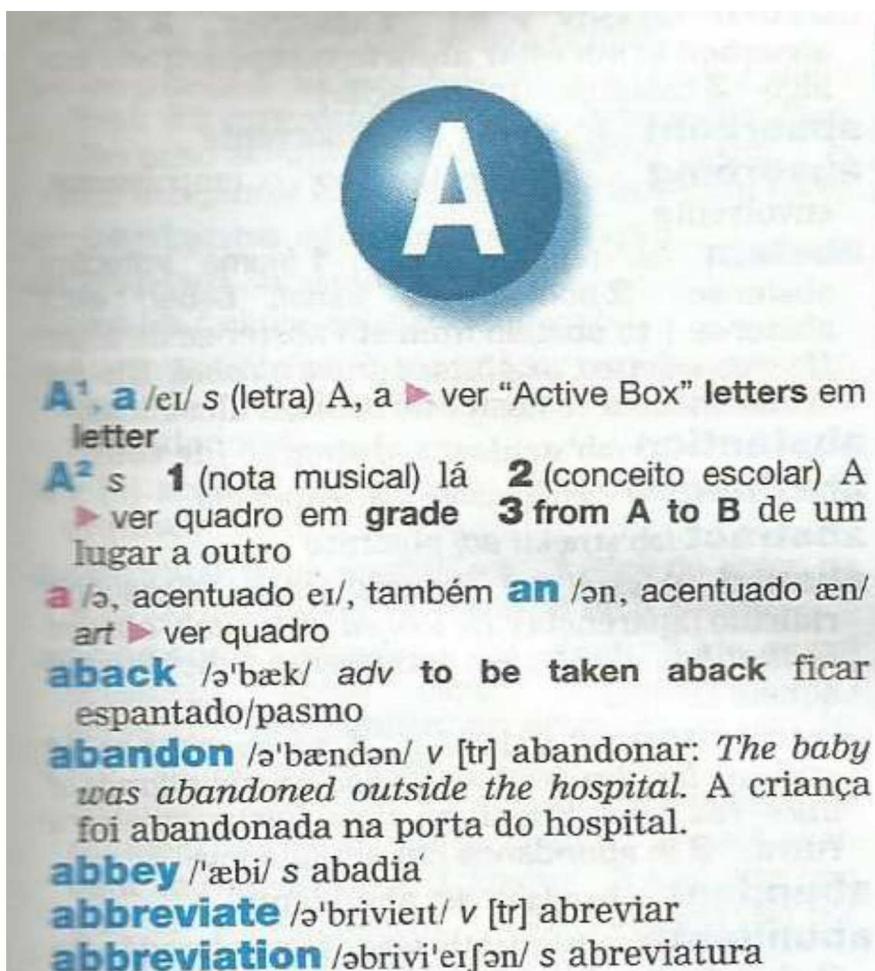
³⁰ Vale ressaltar que os aspectos hipertextuais, quando acionados pelo leitor, podem proporcionar a mudança de suporte no momento da busca por informações. Isso significa que a noção hipertextual extrapola os limites do papel, levando o leitor a perseguir o conhecimento fora do suporte em que inicialmente este está inscrito. Logo, entende-se o suporte como finito, mas não as possibilidades de leitura.

se refletir tendo como base a análise do *corpus* escolhido.

3. *Articulação das noções hipertextuais ao dicionário Longman*

Considerando os concisos conceitos apresentados anteriormente, entendem-se como as principais características hipertextuais, para efeitos da análise do dicionário *Longman*, os quadros explicativos que se encontram mesclados ao conteúdo lexical do livro e as notas e perguntas de fomento à interatividade, localizadas no rodapé de cada página.

Relativamente aos quadros explicativos, o suporte papel, ao que parece, tenta se aproximar da revolução eletrônica “através de uma estrutura agregativa em que vários recursos entram em cena” (VILLAÇA, 2002, p. 103), de forma semelhante ao que ocorre com o suporte eletrônico. Isso é perceptível já na página que principia a compilação de palavras, ou seja, na página um.



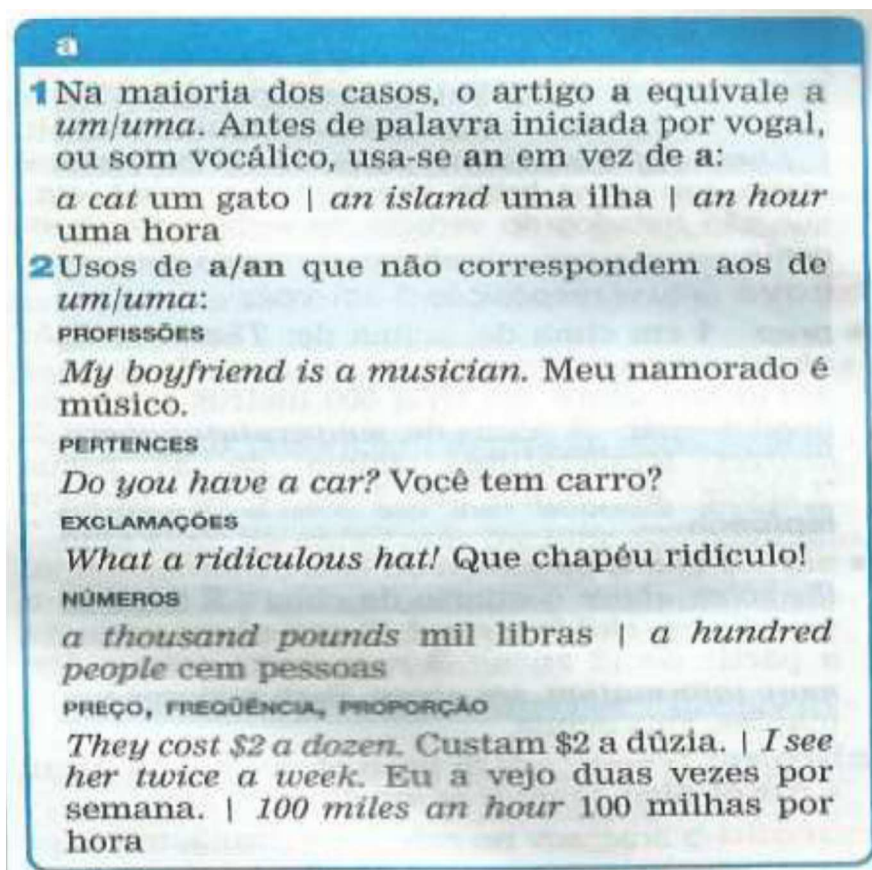


Fig. 1: Longman Dicionário Escolar, p. 1.

Como recurso hipertextual, o quadro explicativo aparece como meio de aprofundar o conhecimento sobre vocábulo *a*, explicitando e exemplificando seus usos com base no emprego da palavra em cada situação a partir da qual ela permite seu manejo. Assim, tende-se à quebra da leitura horizontalizada e linear que normalmente caracteriza os textos registrados no suporte papel, na medida em que o quadro em destaque na **Fig. 1** acaba por “interromper o fluxo de leitura através de redes remissivas interligadas, os links” (VILLAÇA, 2002, p. 107).

A propósito dessa assertiva, vale ressaltar que o quadro explicativo exibido no dicionário não configura um link informático genuíno em razão do próprio suporte no qual está inscrito, mas decerto se aproxima de um, “devido à sua estrutura interna remissiva” (*Id.*, p. 107) ainda que, diferentemente dos links informáticos, o quadro em tela possua uma fronteira real e limitada. Em outras palavras, tal quadro, funcionando como uma ferramenta hipertextual de apoio, mas não como um hipertext-

to digital³¹, permite ao leitor³² “enriquecer consideravelmente a leitura” (LEVY, 1996, p. 43). Dessa forma,

Se ler consiste em selecionar, em esquematizar, em construir uma rede de remissões internas ao texto, em associar a outros dados, em integrar as palavras e as imagens a uma memória pessoal em reconstrução permanente, *então os dispositivos hipertextuais constituem de fato uma espécie de objetivação, de exteriorização, de virtualização dos processos de leitura* (Id., p. 43).

Nesse sentido, Levy (1996) considera as atividades de leitura e de interpretação que integram as novas ferramentas como uma abordagem hipertextual, entendendo, inclusive, que “a leitura de uma enciclopédia clássica já é de tipo hipertextual, uma vez que utiliza as ferramentas de orientação que são os dicionários, léxicos, índices, thesaurus, atlas, quadro de sinais, sumários e remissões ao final de artigos” (Id., p. 44).

A compreensão de Levy (1996) acerca da noção hipertextual se coaduna com concepção segundo a qual se propõe, neste trabalho, a análise do *Longman Dicionário Escolar*, por entender que “a partir do hipertexto, toda leitura tornou-se um ato de escrita” (Id., p. 46). Nesse contexto explicativo, emerge a figura do leitor que, ao ler, também escreve os novos rumos dos significados que lhe propõe o hipertexto.

A fim de tentar entender a posição do leitor frente ao percurso hipertextual, toma-se por empréstimo a acepção de Jauss articulada em Zilberman (2001), com base na Estética da Recepção, conquanto os preceitos da aludida teoria não sejam o foco precípuo de trabalho. Ocorre, entretanto, que, entendendo a leitura como emancipadora, mesmo que dela o leitor não seja capaz de se libertar, “pois acata as determinações de cada obra e reage conforme as expectativas desta” (ZILBERMAN, 2001, p. 95), o quadro explicativo inscrito no dicionário tomado como objeto de análise funciona de modo a dar ao leitor uma liberdade de leitura limitada pela própria escrita.

Paradoxalmente, pretende-se aqui expor que a leitura, adornada pelos recursos hipertextuais, tanto permite ao leitor novos rumos não li-

³¹ Hipertexto digital é entendido “como uma coleção de informações multimodais disposta em rede para a navegação rápida e ‘intuitiva’” (LEVY, 1996, p. 44).

³² Zilberman (2001, p. 88), refletindo acerca dos aspectos da Estética da Recepção a partir dos estudos de Hans Robert Jauss, explica que “o leitor, responsável pelas atualizações contínuas, não é entendido enquanto um indivíduo particular, dotado de idiossincrasias e gosto pessoal, e sim corresponde a uma generalidade coletiva, definida desde o horizonte de resposta dado a certo texto”.

neares na busca pela informação quanto o sujeita às determinações da escrita. Por isso, não se pretende uma mistura de concepções advindas de posicionamentos diversos das distintas áreas do conhecimento, mas uma junção hábil e interativa para refletir a respeito da relação entre o leitor e a hipertextualidade, porque a leitura é "uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentidos, que se realiza evidentemente com base nos elementos linguísticos presentes na superfície textual e na sua forma de organização, mas requer a mobilização de vasto conjunto de saberes no interior do evento comunicativo" (KOCH & ELIAS, 2013, p. 11).

Dessa forma, o leitor é livre para ativar o percurso de leitura que lhe convier, mas não o é totalmente. Ao mesmo tempo em que as perspectivas próprias das quais ele se vale diante do recurso remissivo que quebra a linearidade da leitura aproximam-no de um "dandismo performativo" (VILLAÇA, 2002, p. 109), também restringem-no sob uma "liberdade tutelada" (ZILBERMAN, 2001, p. 95), visto que o leitor deambula em território cujas fronteiras foram demarcadas pelo autor³³. Logo, diante do quadro explicativo que o dicionário apresenta, pode o leitor acessá-lo ou não a depender da resposta ao constante conflito entre a suposta autonomia do leitor e os atrativos do jogo hipertextual.

Dessa maneira, amparado nos quadros explicativos que circundam os verbetes sobre os quais se pretende um aprofundamento relativo às formas de uso e às diversas concepções, o *Longman Dicionário Escolar* possibilita ao leitor recorrer a uma diferente estratégia de leitura, alternada e adaptada conforme as suas experiências, conhecimentos prévios, necessidades e interesses (FERNANDEZ, 2010).

De forma análoga, as notas e perguntas de fomento³⁴, assim denominadas no contexto deste trabalho em virtude de se acreditar que elas incitam a peregrinação do leitor às outras partes do dicionário, apresentam-se como marcas hipertextuais que potencializam o texto, permitindo um novo processo de leitura/escrita. Vale ressaltar, no entanto, que, distintamente dessas ocorrências hipertextuais no dicionário em evidência, as percebidas na rede não se sujeitam à hierarquia, por ser a rede "um es-

³³ Clément (2003, p. 34) expõe de forma sucinta que autor "é uma figura quase inteiramente construída para responder a uma necessidade: tal texto que leio foi escrito por alguém que posso identificar e cuja existência é como que a garantia do texto".

³⁴ Trata-se de terminologia própria, adotada devido aos interesses analíticos deste trabalho.

paço indefinido e não hierarquizado do ponto de vista institucional” (BABO, 2004, p. 105). Eis dois exemplos de notas de fomento situadas no rodapé, ilustradas pelas **Fig. 2 e 3**:

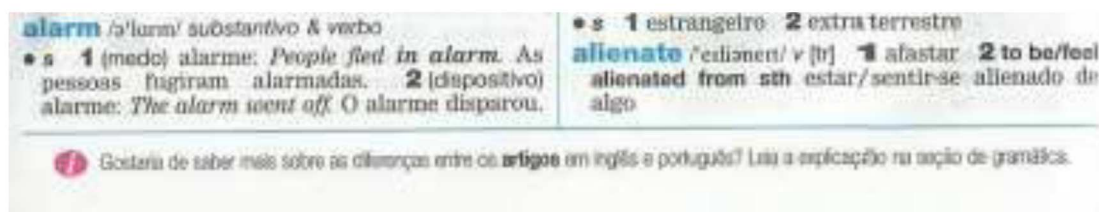


Figura 2: Longman Dicionário Escolar, p. 10.

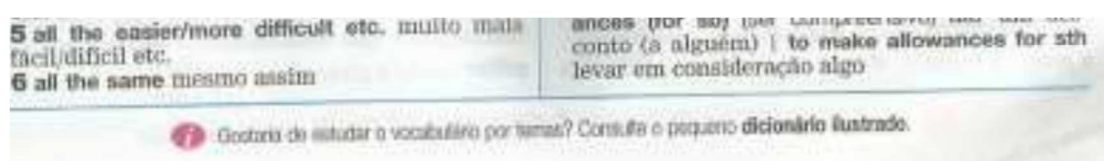


Fig. 3: Longman Dicionário Escolar, p. 11.

Antecedendo às notas propriamente ditas, o símbolo representado pela letra *i*, inscrita em um círculo cor-de-rosa, representa o propósito de constituição de um pequeno segmento interativo, o que pode ser comprovado pelo estímulo – neste caso explícito – que reveste a oração interrogativa direta *Gostaria de saber mais sobre as diferenças entre os artigos em inglês e português*, seguida da imperativa *Leia a explicação na seção de gramática*. Neste caso específico, se o leitor “cedesse” ao intuito da nota, seria ele remetido a outra seção, capaz de aprofundar um conhecimento, ou, por que não dizer, desatar um nó que porventura despontou na leitura. Eis a figura que demonstra a página à qual seria encaminhado o leitor:

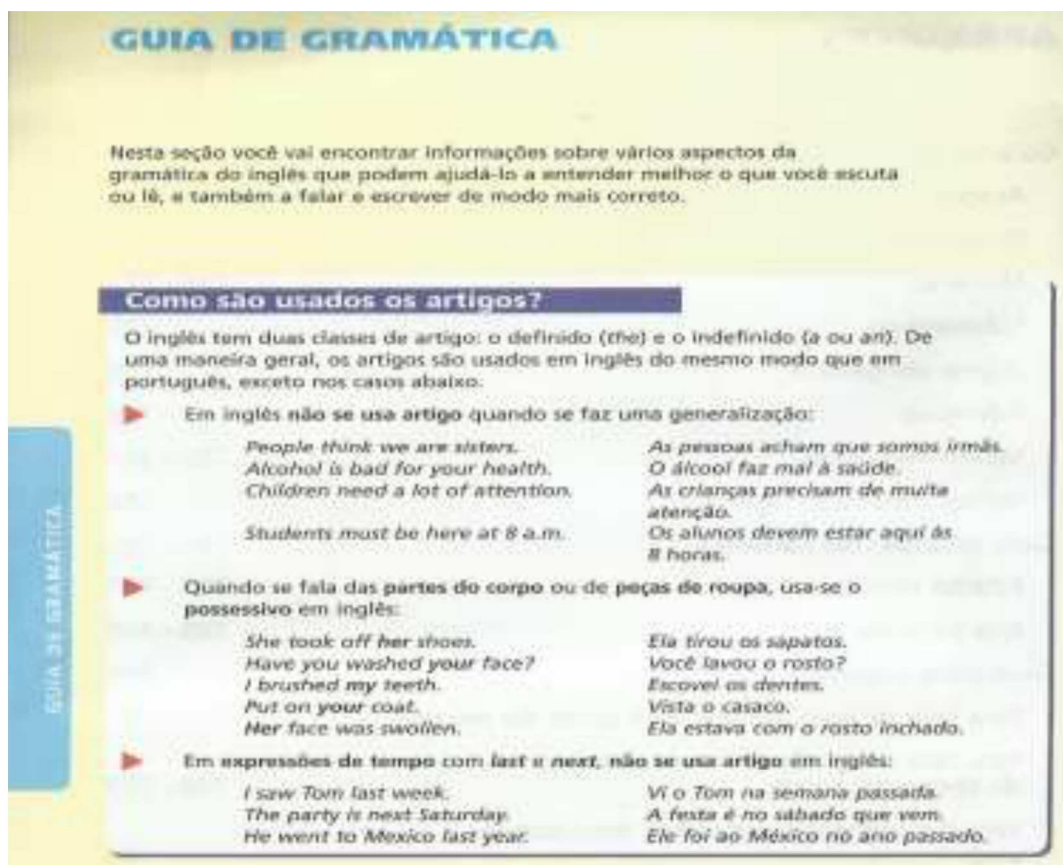


Fig. 4: *Longman Dicionário Escolar*, p. 774.

À vista disso, o leitor poderia optar por dar continuidade à leitura da seção de gramática ou voltar ao rumo anteriormente definido para sua pesquisa, estando limitado fisicamente às fronteiras do suporte papel. Nessa perspectiva é que Babo (2004, p. 108), ao refletir sobre o termo dispositivo, atribuído a Foucault, defende que o hipertexto excede à noção de mero utensílio, passando a dispositivo “configurador de um lugar próprio atribuído ao utilizador”. Há de se notar, todavia, que o aspecto remissivo que envolve a nota de fomento é esculpido no interior de limites, isto é, em disparidade com um rizoma que “não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, *intermezzo*” (DELEUZE & GUATTARI, 2004, p. 37).

Relativamente à **Fig. 3**, remissão idêntica ocorreria em conformidade com o interesse do leitor, mas limitada às extremidades físicas do suporte papel. Nesse caso, a continuidade da leitura se daria a partir da **Fig. 5**, ou seja, um dicionário (ilustrado) dentro de outro (*Longman*), o que comprova o comportamento da nota como um link.



Fig. 5: Longman Dicionário Escolar, p. A1.

Diante do exposto, é possível considerar que “a leitura resolve de maneira inventiva e sempre singular o problema do sentido” (LEVY, 1996, p. 35), sendo ela um ato de territorialização. Com alicerce no hipertexto, pode o leitor, dentro dos limites que lhe são impostos pelo suporte papel, associar ideias e decidir os percursos de leitura que nortearão o seu itinerário de busca do conhecimento, reforçando, assim, “o papel o leitor enquanto construtor de sentido” (KOCH e ELIAS, 2013, p. 13).

4. Considerações finais

Desde a criação do termo *hipertexto* por Theodore Nelson na década de 1960, vários estudiosos têm explorado o tema da hipertextualidade sob diversos ângulos analíticos, cunhando e aplicando conceitos, detectando e enumerando características, construindo e desconstruindo

posicionamentos, dada a importância que esse novo modo de leitura e escrita – nem tão novo assim – alcança na medida em que confere ao leitor certa liberdade de decisão em relação ao trajeto que deseja percorrer nos caminhos de leitura.

Contudo, não se pode negar que esse poder decisório é suposto, visto que são as marcas hipertextuais que de fato conduzem o leitor a determinado percurso de leitura, podendo ele decidir pela manutenção ou não do trajeto que lhe foi pontualmente proposto pela inscrição hipertextual. Dessa forma, as discussões propostas neste trabalho levam ao entendimento de que o leitor goza de parcial liberdade de decisão, sendo esta, na verdade, o resultado da interação entre as possibilidades propostas que se lhe apresentam e o juízo de que ele se vale para a manutenção ou não da rota linear de leitura.

Sob esse ponto de vista, o leitor emerge como semidecisor, senão pseudodecisor, no seu trajeto de ler, pois as marcas hipertextuais estimulam um trajeto que o desvia da linearidade típica dos registros no suporte papel, ainda que esse contorno de leitura não seja de fato suficiente por si só para determinar com precisão os caminhos que ele tomará. O que ocorre, em outras palavras, é que a interação entre o anseio pela informação e os trajetos hipertextuais promove o leitor à condição de construtor de um roteiro de leitura. Comportando-se assim, além de ler, ele escreve. De leitor, passa a autor inscrito em um domínio mais ou menos limitado, se considerada a possibilidade de busca por informações fora do próprio suporte.

Em suma, é da atitude primeira de amarrotar o texto e rasgá-lo pela leitura, de dobrá-lo sobre si mesmo, lendo e deslendo-o (LEVY, 1996, p. 35), que aflora a possibilidade da escolha do rumo de leitura, sendo o leitor livre o suficiente para decidir adentrar na infinitude da leitura hipertextual, mas contido o bastante pela finitude dos limites do suporte papel.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

BABO, M. A. O hipertexto como nova forma de escrita. In: SÜSSEKIND, Flora (Org.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Editora Vieira e Lent, 2004.

CLÉMENT, J. Do livro ao texto – As implicações intelectuais da edição

eletrônica. In: SÜSSEKIND, F. (Org.). *Historiografia literária e as técnicas de escrita: do manuscrito ao hipertexto*. Rio de Janeiro: Editora Vieira e Lent, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. Vol. I. São Paulo, Editora 34, 2004.

FERNANDEZ, M. A. *Convergências e singularidades nos modos de leitura e apropriação dos suportes textuais impresso e digital*. III Congresso Internacional Cotidiano – diálogo sobre diálogos, agosto de 2010. Disponível em:

<http://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/marcela-afonso-fernandez-convergc3aancias-e-singularidades.pdf>. Acesso em: 27/12/2013.

FOUCAULT, M. *O que é um autor?* Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2011.

KOCH, I. V.; ELIAS, V. M. *Ler e compreender: os sentidos do texto*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2013.

LEVY, P. *O que é virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCUSCHI, L. A. *Gêneros textuais: definição e funcionalidade*. In: DIONÍSIO, Ângela. *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

RIBEIRO, A. E. *Leituras sobre hipertexto: trilhas para o pesquisador*. In: *Hipertexto: que texto é esse?* XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística, Uberlândia, nov. 2006. Disponível em:

<http://www.ufpe.br/nehte/artigos/Leituras%20sobre%20hipertexto.pdf>. Acesso em: 27/12/2013.

VILLAÇA, N. *Impresso ou eletrônico: um trajeto de leitura*. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

ZILBERMAN, R. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: SENAC, 2001.